

UM OLHAR SOBRE O ENSINO APRENDIZAGEM DE UM ALUNO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um relato de experiência.

Rayane de Fatima da Silva Firmino ¹
Aline de Fátima da Silva Araújo²

Mônica de Fátima Guedes de oliveira ³

RESUMO

Esse estudo busca investigar como acontece o ensino aprendizagem de um aluno autista na educação infantil, avaliar o método de aprendizagem, salientando características, comportamentos e dificuldades, bem como sua convivência dentre as relações sociais. O autismo é exposto como uma síndrome do desenvolvimento que se manifesta normalmente em crianças antes dos dois anos. Para tanto baseado nessas experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado na área da Educação Infantil e de acordo com essa prática vimos a necessidade de investigar mais sobre o assunto de grande importância que foi o objeto de pesquisa o aluno com o TEA (Transtorno do Espectro Autista). Tivemos como embasamento teórico os seguintes autores: JEAN PIAGET (2007), GIL (2006), RODRIGUES (1997). O tipo de pesquisa trabalhada foi à qualitativa, que oportunizou compreender e interpretar o tema apresentado. Conclui-se que a pesquisa qualitativa permite que o indivíduo expresse livremente sobre o assunto em questão, não tendo como apresentar um resultado preciso dos dados e sim resultados que permitam chegar o mais perto possível a um melhor entendimento da pesquisa realizada. Conclui-se que durante o período em que assumir a sala como estagiária percebi que, por parte dos professores que trabalham com crianças autistas, é necessário que seja um trabalho capaz de respeitar suas diferenças, criando então estratégias para a superação dessas barreiras, levando em conta que em alguns momentos a criança com autismo não compreende o que lhe é exigido e, tampouco, o quanto essas situações são importantes para seu desenvolvimento e aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno autista. Ensino-aprendizagem. Educação Inclusiva.

I-INTRODUÇÃO

O presente estudo se desenvolveu a partir de um projeto de pesquisa acadêmica, formado para atender ao requisito de conclusão do curso de pedagogia, que traz como base a inclusão de crianças autistas na educação infantil. Nos últimos anos, a conscientização acerca dos direitos da pessoa autista tem ganhado o espaço na sociedade.

As ações políticas educacionais articuladas entre o Estado e a sociedade civil vêm dando ênfase as Políticas Públicas Educacionais Inclusivas para a criança com Transtorno do Espectro

1 Graduada em Pedagogia-UEPB PB, rayanesilva642@yahoo.com.br;

2 Especialista em Libras -FACEN, line_gbaraujo@hotmail.com;

3 Mestre em Educação-UFPB, Professora do Curso de Pedagogia-UEPB monicachuepb@gmail.com;

do Autismo onde que visam promover a cidadania dessas crianças, diminuindo o processo de exclusão escolar.

Presenciamos no âmbito da educação infantil alguns alunos que possuem o espectro autista, onde tem chamado a atenção de muitos pesquisadores na área da Educação nos últimos tempos. Seja pela questão da inclusão ou pela preocupação com a formação profissional, a educação infantil se torna a primeira etapa a ser enfrentada pela criança com o diagnóstico comprovado de tais transtornos. Ao longo do referido trabalho, as discussões e análises ampliadas buscam vigorar a necessidade da construção de conhecimentos e práticas pedagógicas que garantam o direito à diversidade, o acesso a informação e a inclusão de todos os educandos.

A proposta de uma abordagem inclusiva na educação alcançou grandes aumentos e estes se tornaram mais expressivos após a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais (1994) na Espanha, quando foi elaborada a Declaração de Salamanca sobre os princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.

A Declaração de Salamanca afirma:

As competências necessárias para satisfazer as necessidades educativas especiais devem ser tidas em consideração na avaliação dos estudos e na certificação dos professores [...] A formação em serviço deverá realizar-se sempre que possível, ao nível da escola, através da interação com os orientadores e apoiados pela formação à distância e outras formas de auto formação (1994, pp. 27-28).

A inclusão escolar tem como objetivo inserir, sem diferir, todas as crianças e adolescentes com diferentes graus de comprometimento social e cognitivo. Desse modo, a grande importância de ressaltar que qualquer proposta de Educação Inclusiva para crianças com autismo deverá ser feita dentro de escolas regulares. “Assim sendo, terá a finalidade de diminuir os preconceitos e evitar o isolamento social” (Batista & Enumo, 2004, p. 103), facilitando, dessa forma, a conquista de novas habilidades, uma vez que um dos principais marcadores desse transtorno é o *déficit* na interação social.

É importante ressaltar que o prazer e a diversão na interação social influenciam o autista a querer interagir cada vez mais com outras pessoas ao seu redor, e sendo assim, aprender novas possibilidades sociais.

O desejo por essa pesquisa se deu através do contato com alunos autistas, baseado nessas experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado na área da Educação Infantil e de

acordo com essa prática me deparei com essa realidade e querendo investigar mais sobre o assunto, pois considero o assunto de importância extrema. Baseado nisso, gostaria de analisar como acontece o ensino aprendizagem na sala de aula da educação infantil com alunos do espectro autistas?

Sendo assim, este estudo tem como objetivo geral: investigar como acontece o ensino aprendizagem de um aluno autista numa Escola Municipal na Cidade de Sertãozinho-PB em uma turma do Pré I, na área da educação infantil. Dessa forma para atingir o objetivo acima delineado, elegeram-se como objetivos específicos: apresentar o que é o autismo; apresentar estratégias que auxiliem no ensino aprendizagem e abordar como o aluno está sendo incluído em sala de aula, seus desafios e avanços.

A forma metodológica aplicada do referido estudo aponta uma pesquisa de estudo de caso realizado numa Escola Municipal na Cidade de Sertãozinho-PB em uma turma do Pré I na área da educação infantil. Com vista a identificar as dificuldades encontradas pelas professoras no trabalho junto a estas crianças e tomar conhecimento de como ocorre à formação destas professoras. Como também, tenta reportar de maneira clara e objetiva, determinadas questões referentes às características da criança autista, ao convívio da escola, família e na comunidade, além de expor alguns métodos que contribuem no desenvolvimento da aprendizagem dessas crianças.

Sendo assim, esse estudo serviu como contribuição para os professores, acadêmicos e pessoas entusiasmadas no assunto, no intuito de proporcionar soluções e questionamentos com relação ao tema e ampliar definições teóricas a esse respeito.

II- METODOLOGIA

2.1. Tipo de Pesquisa

A palavra pesquisa deriva do termo em latim *perquirere*, que significa "procurar com perseverança". Uma parte extremamente importante de qualquer pesquisa é o recolhimento de informações, e por esse motivo um pesquisador precisa buscar por informações com diligência.

Vejamos dois conceitos sobre o que é pesquisa, primeiro conceito:

Para Gil (2009, p.17), “a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema”. Segundo conceito: Já para Mello (2006, p.14): “pesquisar exige organização, dedicação, disposição, disciplina, tempo e estudo”.

Diante dos conceitos mencionados acima, deixa claro que pesquisa nada mais é que, a construção de um conhecimento, informação nova, a composição de novos métodos, a criação ou investigação de novas práticas.

Dessa forma, é de grande importância que a pesquisa seja trabalhada como instrumento na elaboração do nosso conhecimento diário, a fim de contribuir na construção da aprendizagem.

O tipo de pesquisa trabalhada foi à qualitativa, que oportunizou compreender e interpretar o tema apresentado. Segundo Malheiros: “a coleta de dados qualitativos é um processo que exige muito rigor do pesquisador, porque a observação do fenômeno estar certamente empregada pela história pessoal daquele que observa”. (2011, p. 188).

Conforme as palavras do autor, a observação executada em uma pesquisa deve ser feita em duas partes: uma descritiva e uma reflexiva. A parte descritiva da observação procura relatar justamente o que foi visto, sem considerar as impressões do investigador. E serão essas impressões que comporão a parte reflexiva do processo de observação, ampliando assim, a concepção e ideias do pesquisador.

Compreendendo que em pesquisa qualitativa as respostas não são totalmente objetivas, ou seja, não há exatamente uma única verdade sempre podem acontecer mudanças, porém é fundamental que o pesquisador tente alcançar uma conclusão coerente. Ressaltando também que o intuito não é estabelecer quantidades em relação aos resultados, mais sim, alcançar compreender o comportamento de determinado grupo-alvo no qual a pesquisa foi realizada com um aluno autista A.N. (6anos).

O trabalho qualitativo exige métodos rigorosos, que sejam capazes de explicitar que o investigador chegou o mais perto possível do fenômeno, portanto, suas conclusões não se dão na base de suas crenças individuais”. (MALHEIROS, 2011, p. 189).

O modelo de pesquisa qualitativa permite que o indivíduo expresse livremente sobre o assunto em questão, não tendo como apresentar um resultado preciso dos dados e sim resultados que permitam chegar o mais perto possível a um melhor entendimento da pesquisa realizada.

Durante a elaboração da pesquisa foi necessário um planejamento para observar os pontos a serem trabalhados, sendo assim, obtendo bons resultados e melhor compreensão da pesquisa realizada.

2.2. Sujeito da Pesquisa

Para a construção da pesquisa proposta foi realizado uma entrevista com duas educadoras da rede pública, além da diretora da escola onde a pesquisa foi realizada. As mesmas acompanham uma criança autista em todo sistema de aprendizagem na Educação Infantil. Dessa forma as entrevistas com as professoras foram feitas devido esse convívio e experiências de professoras x aluno autista. Sobre o que elas relataram “No primeiro momento tudo foi novidade tanto para ele quanto para elas, tudo novo, adaptação, rotina, sem contar que o primeiro contato com ele que não foi fácil. Ele ficou muito assustado e desinquieto mais com a ajuda da mãe nos dias seguintes ele foi se adaptando, sua rotina é um pouco diferenciada e disciplinada, no entanto, não deixa de participar em conjunto com os demais da sala, deixam claro também que as atividades necessitam de um pouco mais de atenção, mais que naquele momento ele já estava bem desenvolvido e conseguia acompanhar os demais colegas. Obviamente de uma forma mais lenta e com a ajuda da cuidadora que por sinal é muito atenciosa. E isso fez com que as professoras mudassem sua forma metodológica de trabalhar em sala. Proporcionando assim dinâmicas dentro do contexto escolar de acordo com as ações ou aspectos que se adapte nos objetivos da pesquisa. Onde, através destas conversas que despertou um interesse de estudar, ou seja, ir mais fundo do conhecimento.

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal na cidade de Sertãozinho-PB. A escolha da escola foi através da realização do estágio, a mesma é de rede pública e presta assistência a um bom número de alunos do ensino infantil.

2.3. Instrumentos para levantamentos de dados

Ao término dos resultados da pesquisa, as respostas coletadas durante a entrevista realizada com as educadoras e anotações foram feitas através das análises dos dados do estudo. Entendemos por coletas de dados com o processo de recolhimento de dados para uso secundário por meio de técnicas específicas. Esses dados são utilizados para tarefas de pesquisa, planejamento, estudo, desenvolvimento e experimentações. A coleta de dados é definida de acordo com o que ressalta o autor

As fontes escritas na maioria das vezes são muito ricas e ajudam o pesquisador a não perder tanto tempo na hora da busca de material em campo, sabendo que em algumas circunstâncias só é possível a investigação social através de documentos Gil (1995, p. 158)

Os bons resultados foram consequências também do meio de observação o qual foi fundamental, pois a pesquisadora vivenciou a rotina de um aluno autista.

A prática de observação pode ser compreendida como uma ferramenta essencial para relacionar a teoria com a prática, proporcionando que o futuro licenciado entre em contato com a realidade escolar e a prática docente, fazendo um diagnóstico da mesma como forma de identificar as principais dificuldades e se preparar melhor para exercer a futura profissão.

Aragão e Silva (2012, p.50)entendem que a “observação se constitui de uma ação fundamental para análise e compreensão das relações que os sujeitos sociais estabelecem entre si e com o meio em que vivem” Conceituando a observação, Foulquié (apud Aragão e Silva, 2012, p.52) considera que “observar tem o mesmo sentido de conservar-se diante do observado, considerar atentamente uma coisa a fim de conhecê-la melhor”.

É dentro dessa hipótese que a prática de observação entra como um importante instrumento na construção de futuros educadores, na medida em que proporciona a estes a oportunidade de conhecer e interagir com o meio escolar. Mostrando assim que, a prática de observação pedagógica apresenta então o objetivo de mostrar ao licenciando que a escola é muito complexa, palco de inúmeras relações sociais em que se abrem um leque de dificuldades e probabilidades que necessitam ser trabalhadas e superadas pelo educador. Portanto, a grande importância do contato com as ferramentas durante o período da observação, justamente para proporcionar um bom resultado.

III- DESENVOLVIMENTO

3. CONCEITUANDO O AUTISMO: breves considerações

O termo Autismo tem origem grega (autós), que significa: por si mesmo. Termo utilizado pela psiquiatria, para nomear o comportamento humano que se concentram em si mesmo, retornado para o próprio indivíduo. Criada por Eugene Bleuler, em 1911 a palavra autismo, faz referência a um sintoma da esquizofrenia, um dos traços da psicose.

Segundo Rodrigues: [...] Bleuler propõe “uma ausência da realidade, com o mundo exterior, e, conseqüentemente, impedimento ou impossibilidade de comunicar-se com o mundo externo, demonstrando atos de um proceder muito reservado” (2010, p. 19). Porém, os primeiros estudos sobre o autismo deu início em 1943, pelo psiquiatra americano Leo Kanner quando descreveu por meio de um artigo, um estudo baseado em 11 crianças que apresentavam características individualizadas em relação às demais síndromes. Ele nomeou inicialmente

como distúrbio autístico do contato afetivo, analisando no comportamento um afastamento social desde o nascimento. Também observou alguns sintomas que surgem precocemente.

O autismo é definido pela Organização Mundial de Saúde como “um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. Sua incidência é de cinco casos em cada nascimento caso se adote um critério de classificação rigorosa, e três vezes maior se considerar casos correlatados, isto é, que necessitem do mesmo tipo de atendimento” (MANTOAN, 1997, p. 13).

Não há um conceito previamente estabelecido do autismo, pois sempre está em constante modificação. Portanto, apresenta uma série de sintomas e dificuldades que prejudicam na interação social, comunicação e realização de atividades. Os primeiros sintomas do autismo aparecem em geral nos três primeiros anos de vida, já que é uma síndrome que se caracteriza por apresentar um agrupamento de sintomas que envolvem o comprometimento de três áreas básicas, o comportamento, a interação social e comunicação. Mas, por outro lado, podem apresentar incríveis habilidades motoras, musicais, de memória e outras, que muitas vezes, não estão de acordo com sua idade cronológica, apresentando-se bem mais adiantada do que deveriam estar.

3.2A escola é o espaço onde e como incluir um aluno autista

Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada com base no entendimento de que é ela que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros. Na educação inclusiva a introdução há um outro olhar. Uma maneira nova de se ver, ver os outros e ver a educação. “Dessa maneira, inclusão significa a modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa com necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer sua cidadania.”(RODRIGUES, 2006, p. 167)

Contudo, concluímos que a sociedade deve contribuir para ser implantada a inclusão em qualquer ambiente e estar sempre buscando novas formas de incluir as crianças, de maneira que coopere para um mundo melhor e com respeito. Com diversas dificuldades que se encontra no desenvolvimento do autismo, uma das formas para incluir no contexto escolar são alguns métodos, sendo um deles o método TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação), que vem sendo utilizado no Brasil. Instituído no ano de 1964, um projeto desenvolvido para atender os autistas e qualquer tipo de distúrbio no desenvolvimento. Esse método é fundamentado em mais de vinte anos de experiência no Programa Estadual para Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Deficiências

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

relacionadas à Comunicação. O foco do método é atender às necessidades diárias dos autistas para possibilitar uma melhor qualidade de vida e também utilizar uma avaliação denominada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar as crianças e determinar seus pontos fortes e de maior interesse, e suas dificuldades, e, a partir desses pontos, montar um programa individualizado.

Assim o método supracitado se baseia na adaptação do ambiente para facilitar a compreensão da criança em relação a seu local de trabalho e ao que se espera dele.

Por meio da organização do ambiente e das tarefas de cada aluno, como também visa o desenvolvimento da independência do aluno de forma que ele precise do professor para o aprendizado de atividades novas, mas possibilitando-lhe ocupar grande parte de seu tempo de forma independente (MONTE, 2004, p. 9).

Deste modo, o método tem o objetivo de proporcionar aos autistas formas de adaptações no ambiente em que vive. Mas é preciso analisar as crianças de forma individual, pois estas podem apresentar o mesmo diagnóstico, mas suas dificuldades não são as mesmas.

A criança autista exprime melhor a percepção visual do que a percepção auditiva durante as estimulações, responde a ela positivamente quando estimulada em ambientes organizados, ou seja, o funcionamento comportamental adaptativo do autista é consideravelmente melhor em condições estruturadas Rodrigues (2010, p. 80)

4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Um olhar sobre o aluno autista

Notamos que quando se fala de alunos autistas na rede regular é algo bastante comentado pelos educadores, visto que é conhecido como um trabalho árduo e muito complexo. Devido muita das vezes os educadores não terem uma formação adequada, ou seja, um auxílio, apoio, a fim de realizarem atividades educativas pertinentes com qualidade e agradáveis para que por meio da inclusão o aluno sintam-se integrado na sala, em conjunto com o professor e demais colegas.

Visto que, a atenção do profissional é de suma importância para com seus alunos e quando se fala em um aluno autista sabemos que essa atenção é dobrada. No entanto, por mais que existam essas dificuldades com sistemas e com relação a capacitações para os profissionais da área da educação. Têm profissionais que buscam se qualificar procurando e se adaptando aos meios que possam acrescentar nas suas aulas e torná-las prazerosas e dinâmicas para a construção do processo de aprendizagem dos alunos. Propiciando cuidados, brincadeiras, pois

precisamos ter consciência que as crianças precisam ser estimuladas quando pequenas, e que o estímulo é fundamental na construção e exploração de sua capacidade e sua psicomotricidade, além de promover seu desenvolvimento.

Para tanto, durante os dias trabalhados e as sequências das aulas aplicadas foram descobertas e experiências vivenciadas, a cada dia aprendi com o aluno A.N. algo novo, que precisei me adaptar a rotina do mesmo, rotina essa que também estava no seu processo de adaptação.

Vale ressaltar que, em todos os momentos das aulas fiz questão que ele participasse de tudo, interagindo com todos os colegas, logicamente que de uma forma mais lenta e mais minuciosa. A rotina dele estava visivelmente exposta na parede e ao seu alcance (com plaquinhas) e de acordo com que ia acontecendo às coisas, ou seja, as atividades ele se dirigia até a rotina e retirava uma das plaquinhas com a atividade que o mesmo tinha executado às vezes se tornava um momento difícil, pois ele não queria retirar, por exemplo, a “plaquinha da brincadeira” ou do “café da manhã”, mas aí eu sentava do lado dele e ia conversando e explicando que nem sempre as coisas tinham que ser do jeito que ele queria e na hora que ele queria, muita das vezes chorava em seguida entendia e se consolava.

Outra dificuldade encontrada é que ele tem dificuldade no desenvolvimento da fala nem as palavras mais simples com pai e mãe ainda não pronunciava, porém se comunica através de gestos e símbolos como: desenhos, figuras, que os utiliza no momento das suas necessidades como: comer, necessidades fisiológicas, assistir TV, passear, brincar, através de um livro que ele usa tanto na escola quanto em casa com diversas figuras relacionadas às coisas, comidas, objetos, brincadeiras e quando ele quer algo ele vai até a figura pede.

Durante todo o acompanhamento em sala de aula observando a rotina e as limitações do aluno. Para superar as dificuldades encontradas foram direcionadas ao aluno atividades propostas capazes de estimular sua capacidade de desenvolvimento. Dessa forma despertando no mesmo uma curiosidade que deve ser estimulada nas crianças para que, como sujeitos em formação e ao lado de outros que com ele convivem, possam gerar a indagação e a busca por novas informações que vão possibilitar novas formas de interação.

No entanto, as aulas planejadas para o aluno A.N. foram de forma ampliada para que o mesmo buscasse novas informações dentro da turma possibilitando a interação com os demais e lhes propondo a curiosidade e a motivação para sua aprendizagem e a socialização.

Durante as atividades direcionadas, o mesmo observa as crianças do grupo brincando e, depois, aproximava e explorava o contexto a sua maneira e no seu tempo respondendo a uma curiosidade provocada pelo movimento das crianças. No papel de estagiária pude observar que o comportamento era uma situação de aprendizagem, capaz de despertar no aluno a motivação para sua intervenção na realidade.

Porém, ao observar seu comportamento durante a execução das atividades foi possível constatar as investidas de A.N na busca por parceria para sua aprendizagem. Ao se deparar com as atividades que foram disponíveis na sala percebi que, o interesse do referido aluno era mais direcionado aos desenhos, as cores e imagens que faziam parte da estrutura das atividades que foram apresentadas durante o estágio. Sendo que, o aluno sempre esteve em um comportamento onde era capaz de perceber sua inquietude, pois o mesmo de forma “agressiva” devido à caracterização da síndrome possuída no aluno demonstra determinado comportamento, como por exemplo: empurrar, puxar o cabelo demonstrando uma forma de interação dele com os colegas.

Ressalto que foi uma experiência muito desafiadora, pois como aluna em formação do curso de pedagogia me serviu de experiência já que, nós educadores devemos cumprir o papel socializador, proporcionando o desenvolvimento das crianças por meio de aprendizagens diversificadas e realizadas em situações de interação em nossa prática pedagógica.

5. CONCLUSÃO

Fica evidente que a educação inclusiva constitui-se como um fator importantíssimo para a transformação social no que traz como base a inclusão de crianças autistas na educação infantil. Visto que nos últimos anos a conscientização acerca dos direitos da pessoa autista tem ganhado o espaço na sociedade. Por meio das ações políticas educacionais articuladas entre o Estado e a sociedade civil aonde vêm dando ênfase as Políticas Públicas Educacionais Inclusivas para a criança com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e assim visam promover a cidadania dessas crianças diminuindo o processo de exclusão escolar. Portanto, pensar num trabalho que investigue como acontece o ensino aprendizagem de um aluno autista na educação infantil, avaliar o método de aprendizagem das crianças autistas, diante das características apresentadas: comportamentos, dificuldades, convivência entre as relações sociais é um grande desafio na formação de professores.

Diante desse cenário que constatamos que às dificuldades durante o acompanhamento com ao aluno autista A.N., foi à comunicação falada, a forma de adaptação de uma nova rotina

que demorou algum tempo. E quanto às facilidades o mesmo compreende sobre o que é falado para ele, sabe o que pode e o que não pode, mesmo que não aceite.

A relevância dessa pesquisa para a academia é elevar o conhecimento do leitor que tiver a oportunidade de acessar ou adquirir esse relato de experiência sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista) que possam ajudar também os pais ou responsáveis que tiverem filhos autistas bem como os profissionais da educação. Quanto a mim a satisfação como profissional em pesquisar sobre o tema servirá como meio de aprender mais, porque o sonho de toda mulher é ser mãe, e profissional competente, já que, é necessário que tenha o conhecimento vasto sobre esse assunto abordado nesse estudo, que servirá como conhecimento teórico para desenvolver na prática em sala de aula bem como no dia a dia.

Nessa perspectiva caracteriza-se como ação fundamental para que a inclusão educacional ocorra de fato, mudando uma realidade ainda, muitas vezes, conturbada na rede regular de ensino e acima de tudo, exterminando preconceitos e dessa forma ampliando horizontes.

Por isso, buscou-se defender a partir das reflexões apresentadas no estudo com base investigativa e perceber como acontece o ensino aprendizagem de um aluno autista e quais objetivos serão alcançados, e assim apresentar estratégias que auxiliem no ensino aprendizagem e abordar como o aluno está sendo incluído em sala de aula, seus desafios e avanços.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Raimundo Freitas; SILVA, Nubélia Moreira da. **A Observação como Prática Pedagógica no Ensino de Geografia**. Fortaleza: Geosaberes, 2012.

_____.DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Necessidades Educativas Especiais– NEE In: Conferência Municipal sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994. Disponível em <http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl9.pdf>. Acesso em 09 set. 2014

_____.Disponível em https://docplayer.com.br/8565970-A-crianca-autista-na-educacao-infantil-desafios-e-possibilidades-na-educacao-inclusiva.html#show_full_text acesso em 01/05/2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4º ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1995.

GUERRA, Mirian Darlete Seade. **Reflexões sobre um processo vivido em estágio supervisionado: Dos limites as possibilidades**, 1995.

_____. Lei Federal nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF: 28 dez. 2012. Acesso em 15/05/2019.

MALHEIROS, Bruno. Taranto. **Metodologia de Pesquisa em Educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MANTOAN, Maria. Teresa. E. **Inclusão social**: o que é? Por quê? Como fazer? (Coleção cotidiano escolar). Ed. Moderna, São Paulo, 2003, pp. 12-20 MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) Pesquisa social. 21 ed. Petrópolis:

MONTE, F.; SANTOS, I (Coord.). **Saberes e práticas da inclusão**: dificuldades de aprendizagem: autismo. Brasília: MEC, SEESP, 2004, pp. 9-3.

RODRIGUES, Davi. Dez Ideias (mal) feitas sobre a Educação Inclusiva. In: RODRIGUES, Davi. (Org.). **Inclusão e educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006, p. 299-318.